

## CONSTRUÇÕES EM FOCO: O CASO DE *DAQUI VEM* E *VAMOS LÁ*

Ana Cláudia Machado Teixeira

Universidade Federal Fluminense

Rossana Alves Rocha

Universidade Federal Fluminense

**RESUMO:** Investigamos as motivações semântico-pragmáticas que levam à emergência de microconstruções (Traugott, 2008), tais como *daqui vem* e *vamos lá* na Língua Portuguesa. Baseados na hipótese de Oliveira (2010), tencionamos validar que a base construcional verbo e locativo, em diferentes ordenações, promovem funções distintas. A partir da ordenação LocV, formam-se elementos de conexão; e, da ordenação Vloc, formam-se marcadores discursivos. Utilizamos o aparato teórico do funcionalismo, nos termos de Hopper (1991), Traugott & Dasher (2005), e da Gramática de Construção, mormente, em Croft (2001). Consideramos, em uma análise sincrônica, os contextos específicos de uso nos quais essas construções se convencionalizam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construções com locativo; Funcionalismo; Gramaticalização.

**ABSTRACT:** *This paper investigates the semantic-pragmatic motivations that lead to the emergency of *daqui vem* and *vamos lá* micro-constructions in Portuguese. Based on the hypothesis of Oliveira (2010), we intend to validate that constructional verb and locative base, in a different orderings, promote distinct functions. From the LocV ordering are formed connections elements and from the Vloc ordering are formed discourse markers. We use the theoretical apparatus of functionalism according to Hopper (1991), Traugot & Dasher (2005) and Construction Grammar especially in Croft (2001). We consider, in a synchronic analysis, the specific contexts of the use in which these constructions are conventionalized.*

**KEYWORDS:** *Constructions with locative; Functionalism; Grammaticalization.*

## Introdução

A visão funcionalista da língua compreende a gramática como um sistema formado pelas regularidades decorrentes de pressões do uso, relacionadas às intenções comunicativas dos falantes, incluindo seus interesses e necessidades pragmático-discursivos. Para atender a essas demandas, novas formas gramaticais se desenvolvem para suprir lacunas geradas nas trocas comunicativas ou em função de novos conteúdos cognitivos.

A partir desse panorama, evidencia-se o processo de gramaticalização, adotado aqui nos termos de Himmelmann (2004), segundo o qual os contextos em que uma forma gramaticalizada se insere sofrem expansão.

A fim de dar conta de nosso objeto de estudo, aliamos a gramaticalização ao aparato teórico da Gramática de Construções, que define construções como pareamentos de forma e sentido, pensando-os como unidades primitivas da representação sintática (CROFT, 2001). Essa abordagem integrada tem sido adotada pelos estudos recentes do funcionalismo, para melhor compreender e analisar os fenômenos da língua em uso.

A hipótese que tencionamos validar é a de que a construção LocV situa-se num nível menos avançado de gramaticalização em relação à construção Vloc. A primeira cumpre, geralmente, função sintática, integrante de predicado, como elemento de conexão; a segunda atua basicamente no nível pragmático, mais frouxa da estrutura sintática, como marcador discursivo.

Este trabalho focaliza a investigação das motivações semântico-pragmáticas que levam à emergência das construções *daqui vem* e *vamos lá* na Língua Portuguesa. Tais microconstruções deixaram de ser formadas por itens independentes para tornarem-se uma construção - unidade de forma e sentido (CROFT, 2001) - em contextos específicos (TRAUGOTT, 2003 e 2008) e (BYBEE, 2003).

Primeiramente, apresentamos a fundamentação teórica que dá suporte ao tratamento qualitativo e sincrônico dos dados, na sequência, passamos à análise e finalizamos com algumas considerações.

### 1. Fundamentação teórica

Nos termos de Traugott (2003) e Bybee (2003), a recente literatura sobre gramaticalização parece concordar que não é mais suficiente defini-la como um processo pelo qual um item lexical torna-se um morfema gramatical, mas como um processo que focaliza centralmente o desenvolvimento de lexemas

em construções de contexto específico, expandindo as fronteiras do que é frequentemente considerado gramaticalização.

Conforme Bybee (2003), devido à crescente autonomia e à opacidade de sua estrutura interna, as construções são capazes de assumir novas funções discursivas que surgem a partir dos contextos em que são comumente usadas. Tais construções, a partir de motivação pragmático-discursiva e de frequência de uso, tornam-se convencionalizadas e, por consequência, mais disponíveis.

Quanto ao postulado de Himmelmann (2004, p.32-33) acerca da gramaticalização, o autor aponta três tipos de expansão contextuais. Como podemos observar a seguir:

- a. Expansão *Host-class*: uma forma gramaticalizada aumentará sua série de colocações com os membros da parte relevante do discurso (Substantivo, adjetivo, verbo ou advérbio). Trata-se de aumento na frequência *type*, ou seja, na produtividade;
- b. Expansão sintática: uma forma gramaticalizada se estenderá para contextos mais amplos, por exemplo, a partir de posições de argumento central (tais como sujeito e objeto) a posições (como frases direcionais e temporais);
- c. Expansão semântico-pragmática: uma forma gramaticalizada desenvolverá novas polissemias em contextos pragmáticos ou semânticos.

Segundo Hopper & Traugott (1993, p.2), sob o ponto de vista sincrônico, a gramaticalização é um fenômeno discursivo-pragmático, em que o foco de estudo são os padrões do uso linguístico. Nesse sentido, estamos utilizando tal perspectiva pela identificação das polissemias e descrições dos padrões funcionais de *daqui vem e vamos lá* vistos em modelos fluidos de uso no português contemporâneo.

Quanto às construções, adotamos o modelo croftiano. Segundo Croft (2005, p.274, *apud* TROUSDALE, 2008, p.5-6), construção é uma unidade convencional simbólica. Em sua palavras: “Grosso modo, uma construção é uma rotina enraizada (“unidade”), que é geralmente usada na comunidade de fala (“convencional”), e envolve um par de forma e significado (“simbólica”)”. Portanto, assumimos a natureza “convencional” de *daqui vem e vamos lá* concentrando-nos na evidência de que são uma unidade, ou seja, a estrutura tem sido rotineira; e são simbólicas, isto é, envolvem a estrutura de um par particular de forma e significado.

Para tratar das microconstruções analisadas, utilizamos a taxonomia de Traugott (2008), que, a partir do modelo croftiano, propõe níveis de esquematicidade para construções baseados na seguinte relação:

- a. macroconstruções (LocV e Vloc): construções esquemáticas, altamente abstratas;
- b. mesoconstruções (LocVmov como *daqui vem, daí vem*; e VmovLoc como *vamos lá, vá lá*): grupos de construções relacionadas e ainda abstratas, que possuem semântica e/ou sintaxe semelhante;
- c. microconstruções (*daqui vem* e *vamos lá*): tipos de construções individuais;
- d. constructos (como nos exemplos (3), (4) e (6): *tokens* empiricamente comprovados, que são o *locus* da mudança.

Quando trata dos processos de extensão de sentido, Traugott (2008) afirma que, no nível macro, a possibilidade de existir atração semântica é menor em virtude de representar macroesquemas altamente abstratos. Para a autora, a atração ocorre a partir do mesonível, no qual uma instanciação da construção pode, por analogia, promover a gramaticalização de outra.

A partir da análise de Traugott (2008), postulamos que *daqui vem* e *vamos lá* são microconstruções, uma vez que funcionam como tipos individuais de construções cujo sentido é mais convencional e idiomatizado. A análise toma por base os três tipos de expansão elaborados por Himmelmann (2004) e os princípios de Hopper (1991), sendo estes últimos indicadores de estágios iniciais do processo de gramaticalização.

Duas características para identificação de uma microconstrução, em virtude de seu estágio idiomatizado, são a imobilidade de seus constituintes e a impossibilidade de variações sintáticas em sua composição. A alternância dos membros implicaria mudança de sentido ou de função. Tais restrições são consequência desse processo de amalgamento inerente ao estágio de gramaticalização. Conforme observamos a seguir:

- (1) O assunto virou para a crise financeira nos EUA e sua repercussão no Brasil. Um café forte para dar uma sacudida, e **vamos lá**. Contando com certo atraso, eu teria 1 hora para criá-la.

(Sequência expositiva, Revista Época, acessado em 14/04/2010)

- (2) Não sei se por pretenciosismo ou falsa estupidez, mas acho que um Hitchcock film não devia poder ser refeito, porque é impossível fazer igual e inimaginável fazer melhor (embora aceite a obra de Van Sant do Pshico, porque convenhamos, o que se tem ali é uma saturação ao ponto da cristalização do que é um filme do mestre, é uma obra plástica – diferente do que é o cinema – que deveria ser apresentada num museu). **Daqui vem** a minha raiva, quando percebo que The

Lodger foi feito (com algumas alterações é certo, entre elas as cores, os som, passar-se na América, a senhora que aluga o quarto é sozinha).

(Sequência expositiva, Blog Sem fôlego, acessado em 15/06/2009)

Nos exemplos (1) e (2), não podemos alterar os elementos como *lá vamos e vem daqui* ou negá-los como *não vamos lá e não daqui vem* ou inserir neles um outro constituinte *vamos então lá e daqui então vem* sem que o sentido seja alterado. O caso de *vamos lá e daqui vem*, como exemplificado, já apresenta uma composição sintático-semântica convencionalizada através do uso.

Para a abordagem de *daqui vem e vamos lá*, levamos em consideração ainda quatro pressupostos funcionalistas associados à mudança linguística, a saber:

1. *Metaforização*: caracteriza-se pela mudança de significado de um item e/ou construção que passa de domínio cognitivo mais concreto para mais abstrato (TRAUGOTT & DASHER, 2005, p.75). Nas microconstruções, as formas verbais *vem* e *vamos* partem do domínio de movimento e os locativos *lá* e *daqui* partem do de lugar, em direção a domínios mais abstratos, em que se percebe um deslocamento na expressividade e na intenção. Tal mudança ocasiona um enfraquecimento de seus sentidos originais em prol de um sentido único e pragmaticamente motivado.
2. *Reinterpretação contextual ou metonimização*: caracteriza-se pela extensão de sentido da construção baseada no estabelecimento de um contato mental entre um ponto de referência e outro, mesmo que implicitamente. Segundo Radden (*apud* BARCELONA, 2000, p.98):

Os contextos induzem reinterpretações, tornando-se convencionalizados pelo reforço pragmático. O relacionamento conceitual entre uma entidade nomeada e implicada estão baseadas em contiguidade, portanto, metonímia.

3. *Subjetivação*: conforme Traugott e Dasher (2005, p.97), é um mecanismo de recrutamento de significados para expressar e regular crenças, atitudes. Na visão dos autores:

A subjetivação é associativa e metonímica ao ato de comunicação do falante, mais especialmente para a atitude dos falantes, sendo mais interessante, linguisticamente, a expressão dessa atitude tanto diante da factualidade da proposição quanto da postura retórica argumentativa a ser tomada.

4. *Intersubjetivação*: é mais útil pensada paralelamente à subjetivação, na medida em que codifica a expressão do falante em atenção ao ouvinte (2005, p.97). Isso porque o falante revela pontos de vista em andamento na negociação interacional da produção discursiva. Quando esses pontos de vista codificados sinalizam atenção particular do ouvinte, a intersubjetivação ocorre.

Na análise, podemos perceber mais claramente a atuação desses pressupostos bem como dos princípios e das extensões citados anteriormente.

## 2. Análise

Demos ênfase a uma análise qualitativa e sincrônica dos dados a fim de demonstrar as motivações semântico-pragmáticas da mudança. Expomos, assim, alguns dados dos *corpora*<sup>1</sup> utilizados em nossa pesquisa de doutorado em andamento.

É possível identificar duas funções nas microconstruções estudadas: as gramaticais e as pragmáticas. Em *daqui vem*, a função gramatical reside na articulação de porções de texto, estabelecendo noções semânticas como causa, origem e consequência. Já em *vamos lá*, a função pragmática se define na ligação entre as porções de informação no decorrer da interação, portanto, mais descolada da estrutura sintática.

Além disso, as formas verbais componentes das microconstruções apresentam resquícios de movimento. Em *daqui vem*, retorna-se à porção anterior para localizar a origem dos argumentos, por isso operador argumentativo; e em *vamos lá*, a opinião do falante desloca-se em direção ao interlocutor chamando a atenção deste, por isso marcador discursivo. Os usos gramaticais ou pragmáticos relacionam-se, ainda, com a semântica dos locativos presentes: *aqui* designa maior pontualidade por favorecer leitura a partir de algo já dito e *lá* denota menor precisão por projetar algo em um ponto distante.

Nesse sentido, as duas microconstruções *daqui vem* e *vamos lá* cobrem um leque distinto de operações na língua em uso. Observamos, na primeira, funções de elemento de conexão entre blocos de texto e, na última, funções de encaminhamento de perspectivas do autor.

---

<sup>1</sup> Os *corpora* são formados por ocorrências retiradas do site “Corpus do Português”, de blogs e revistas online e por entrevistas do *Corpus D&G*.

### 3. Construção LocV: funções gramaticais

A microconstrução *daqui vem* é considerada gramatical por atuar na estruturação sintático-textual como elemento de conexão interno. Essa microconstrução se especializa em contextos argumentativos ou expositivos específicos em que uma opinião é veiculada em favor de convencimento ou de explicação.

Como veremos adiante, *daqui vem* possui posição mais fixa na estrutura sintática, típica de operadores argumentativos. A ordenação pré-verbal do locativo, próxima à porção em que se inserem as bases para a consideração posterior, favorece a função de elemento de conexão pelo traço de remissão anafórica.

Segundo Martellota, Barbosa e Leitão (2001), a ordenação pré-verbal além de ser mais antiga, estava disponível a todo tipo de circunstancial até o século XVIII, o que contraria, de acordo com os autores, a tendência pós-verbal que vigora a partir do século XIX. A menor ocorrência de *daqui vem* nos *corpora* vai ao encontro dessa afirmação.

Identificamos, em *daqui vem*, funções distintas para a mesma forma (Hopper, 1991), característica inerente aos estágios iniciais do processo de gramaticalização. Como disposto a seguir:

(3) Hoje, com 29 anos, é o profissional do campo, responsável pela organização geral do Búzios Golf Club, como a realização de eventos e torneios.(..) - Treinei muito, estudei as regras, e me tornei profissional após fazer prova na Associação Profissional, em São Paulo. O golfe tem uma série de regras e etiqueta. Também estudei inglês e agora estou fazendo francês. Todos os caddies **daqui vem** de bairros próximos, como Rasa e Cem Braças. Ao invés de ficarem pela rua aprendem uma profissão.

(Sequência expositiva, Site El Parador Pousada, acessado em 30/04/2012)

(4) Achamos bacana a idéia de a Gisele estar na capa da primeira edição da revista Rolling Stone Brasil. (...) Cada minúsculo detalhe é importante quando se trata de alguém reconhecida por superlativos como maior, melhor, super, hiper, über. A sensação de entrar no mundo fabuloso de Gisele não assusta porque a simpatia da maior popstar **daqui vem** antes de seus títulos.

(Sequência expositiva, Site Rollingstone, acessado em 15/06/2009)

Os fragmentos (3) e (4) evidenciam *daqui* e *vem* como palavras sintática e semanticamente mais autônomas, ressaltando que a ordenação Loc+V em si não configura uma leitura construcional. O advérbio locativo e o verbo de

movimento estão em sintagmas diferentes e são interpretados em seus usos mais prototípicos; este, referindo-se ao deslocamento de alguma coisa de um lugar para outro; aquele, indicando um espaço físico-concreto.

Assim, a localização do advérbio e do verbo, em sequência, não define *daqui vem* como uma construção, mas como um constructo. *Daqui*, em (3), faz referência a Búzios Golf Club e, em (4), ao Brasil, fazendo remissão anafórica. Já o verbo de movimento *vem* indica o deslocamento: em (3), de um substantivo concreto (*caddies*) e, em (4), de um abstrato, o sentimento (*simpatia*). Esses fatores indicam particularidades mais textuais, porém ainda prototípicas, o que segundo Traugott (2008) representam o *locus* da mudança.

Em (5), o falante ao se basear na importância que a missa dominical tem assumido ao longo dos séculos, introduz, por meio de *daqui vem*, sua preocupação sobre a manutenção desse ritual. Assim, a microconstrução funciona como operador argumentativo por introduzir uma consideração, baseada em crenças e valores subjetivos, em relação à informação antecedente. Tanto a posição inicial de *daqui vem* no enunciado quanto a ordenação LocV corroboram essa interpretação metafórica por favorecerem referência anafórica. Tais usos são próprios de contextos argumentativos que induzem reinterpretações, conforme o pressuposto da metonimização.

(5) A história da igreja diz-nos que a participação na Missa dominical tem sido, ao longo de vinte séculos, o melhor apoio para a fé dos católicos. **Daqui vem** a nossa preocupação de Pastores em cuidar de manter viva esta fonte primeira da vida cristã e de a lembrar a todos os filhos da Igreja; de verdade, não podemos esquecer o valor da Missa dominical e a necessidade de nela participarmos.

(Sequência argumentativa, Site [ansião.net](http://ansião.net), acessado em 15/06/2009)

Como operador argumentativo, entendemos *daqui vem* responsável pela relação entre enunciados, estabelecendo noções sintático-semânticas de causa, consequência e origem. Nesse sentido, há uma abstratização dos dois termos que passam a articular uma referência distinta daquela advinda da soma de seus constituintes. Trata-se, portanto, de uso mais gramaticalizado desses elementos, que são considerados como uma construção, um todo de sentido e forma (CROFT, 2001).

No dado (6) abaixo, temos um contexto metonímico favorecedor do processo de gramaticalização, pela leitura ambígua de *daqui vem*:

(6) Este chacra é um mestre que nos faz ouvir a inteligência cósmica, e então sabemos que rumo tomar. **Daqui vem** a capacidade de canalizar sem desligamento da matéria.

(*Sequência argumentativa, Site astrologia na web, acessado em 15/06/2009*)

Nessa ocorrência, percebemos, ao mesmo tempo, uma leitura desvinculada e outra leitura construcional. Naquela, *daqui* aponta para o chacra, um local virtual no corpo, e *vem* indica o deslocamento da capacidade de canalização, um uso mais prototípico. Numa outra leitura, *daqui vem* pode ser interpretado metaforicamente como microconstrução, na funcionalidade de operador argumentativo, por conectar uma informação base, o fazer “ouvir a inteligência cósmica” a uma habilidade de canalização destacada na porção textual seguinte.

Os novos usos de (5) e (6) são resultado das expansões contextuais postuladas por Hilmmemman (2004) na medida em que há: i) novos empregos de *daqui vem*, constituindo aumento na frequência *type*; ii) ampliação do contexto sintático, pelo uso como elemento de conexão; iii) desenvolvimento de novas polissemias com especialização em contextos argumentativos.

Com relação aos princípios de Hopper (1991), percebemos que os *construtos* convivem simultaneamente com as microconstruções, o que revela: i) novas camadas coexistindo com as antigas; ii) formas que têm em comum a etimologia, mas divergem funcionalmente; iii) manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada; iv) estreitamento da escolha para se codificar determinada função e v) perda dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva por parte da forma em processo de gramaticalização.

Nesses usos mais gramaticalizados, identificamos restrição quanto à imobilidade dos itens o que certifica o estágio idiomatizado da microconstrução. A alternância dos membros, sua negação ou a inserção de outro constituinte implica mudança de sentido.

Essa análise demonstra um fenômeno discursivo-pragmático típico de mudanças linguísticas em andamento. Assim, verificamos um gradiente do uso de *daqui* e *vem* mais prototípicos, pela presença de palavras autônomas, para um uso mais abstratizado, com as palavras entrincheiradas formando uma construção.

#### 4. Construção VLoc: funções pragmáticas

A microconstrução *vamos lá* é considerada um marcador discursivo por funcionar no nível pragmático, mais frouxa da estrutura sintática. *Vamos lá* se convencionaliza em contextos argumentativos ou expositivos em que existem articulação de ideias, relações lógicas, portanto maior elaboração criativa. Desse modo, subjetividade implica incidência dos usos da microconstrução.

Nos dados, ao contrário do que acontece em *daqui vem*, a frequência de *vamos lá* é maior. Tal fato pode estar relacionado à ordenação mais moderna do circunstancial (MARTELOTA, BARBOSA e LEITÃO, 2001). Nesse sentido, a ordenação pós-verbal do locativo, próxima à porção em que se insere a opinião posterior do autor, favorece a função de elemento de organização textual-discursiva. A microconstrução articula o discurso do autor marcando seu ponto de vista, sua estratégia de convencimento ou a maneira como conduz a interação.

Como podemos observar nos exemplos a seguir, *vamos lá* assume tendência um pouco mais livre, apresentando um leque maior de possibilidades de colocação, característica dos marcadores discursivos. Dependendo do contexto em que se especializa, a microconstrução apresenta funções distintas para a mesma forma. A forma original permanece e convive autonomamente ao lado da forma gramaticalizada, embora diverjam funcionalmente. A coexistência de usos prototípicos, como em (7), e mais gramaticalizados, como em (8), (9) e (10), assinalam estágios iniciais do processo de gramaticalização (HOPPER, 1991).

(7) Por isso, não admito a indiferença. Eu jogo tranca com a mãe da diretora da loja. Ela sempre me diz: “**Vamos lá** que eu te apresento uma vendedora e você vai ser tratada feito rainha”.

(Sequência expositiva, Revista Veja, acessado em 29/08/2009)

A sequência expositiva ressalta o caráter informativo do trecho: a entrevistada relata à repórter a fala de sua amiga para explicar o ocorrido e o motivo pelo qual não admite indiferença. O conteúdo apresenta um fato presumidamente verdadeiro, portanto a leitura dos itens tende a ser de caráter mais literal. O contexto veicula uma cena espacial em que a forma verbal *vamos* assim como o locativo *lá* tendem a ser interpretados em seus sentidos mais originais. Como podemos observar, o verbo *ir* mantém propriedades sintáticas do verbo, uma vez que seleciona argumento sujeito.

O locativo possui sentido menos prototípico, um traço dos constructos. *Lá* faz referência anafórica à *loja* e, embora o referente seja um local, a remissão textual também é uma tarefa do pronome. Consideramos que essa função mais textual do locativo, inerente a esse tipo de constructo, seria ponto de partida para o processo de gramaticalização da microconstrução.

Nesse caso, não observamos as extensões contextuais postuladas por Himmelmann (2004) ou a atuação dos pressupostos de (inter)subjetivação, metonimização e metaforização. Entendemos que esse fato é coerente com o uso mais prototípico de *vamos lá*. Não há, portanto, motivações semântico-pragmáticas para que mudanças ocorram.

Com relação à imobilidade dos constituintes, verificamos que podemos trocar o locativo *lá* pelo termo *loja* ou não utilizar o locativo sem que o sentido sofra alterações substanciais. Portanto, não podemos ler a sequência com um único sentido, ou seja, como uma construção mais idiomatizada.

Em (8), o repórter pede que Requião fale acerca da economia que promoveu ao cancelar contratos e pagamentos advindos de negociações duvidosas. Em sua resposta, o governador, que estava falando anteriormente em cancelamento de contratos, enumera o que cancelou. A sua resposta poderia ter sido iniciada diretamente pela enumeração, mas ao inserir *vamos lá* o conteúdo que veicula ganha maior destaque. A maior pausa sugere, por hipótese, que a enumeração é extensa, ou seja, Requião conseguiu economizar muito enquanto governador. A microconstrução se cristaliza na posição entre a proposição anterior e o sinal de pontuação (dois-pontos), a fim de marcar a intenção do falante.

(8) O senhor poderia dar um balanço de quantos ou quanto economizou com isso? **Vamos lá:** de informática, eu cancelei 450 milhões com várias empresas (...). Além desses, cancelei contratos da Copel. (...).

(Sequência expositiva, site Corpus do português, acessado em 29/08/2009)

A sequência expositiva em que *vamos lá* se encontra e a inferência sugerida na cena comunicativa passam pela explicação que está a serviço dos interesses do entrevistado. A inferência sugere que Requião é um político que sabe cuidar do dinheiro público. A sequência, então, funciona como pano de fundo para a argumentação do entrevistado, assim está permeada pela subjetividade do falante.

Nesse caso, percebemos metaforização dos sentidos induzida pela reinterpretção contextual. A leitura original de deslocamento espacial de duas ou mais pessoas para algum lugar distante do falante e do interlocutor passa a

deslocamento na intenção. O falante pretende que o interlocutor compreenda sua intenção, para tanto especifica todos os itens que cancelou. A utilização de *vamos lá* reforça o teor pragmático-discursivo do trecho.

No fragmento (9), o entrevistador utiliza *vamos lá* para mudar o tópico discursivo<sup>2</sup> na medida em que o inquirido, a princípio, se encaminhava para um objetivo diverso do inicial. A forma verbal *vamos* não indica deslocamento no espaço e, sim, nos tópicos discursivos. *Lá*, por sua vez, indicando um lugar no texto dito ou a dizer, não caracteriza lugar concreto, mas cumpre funções mais textuais, fazendo referência catafórica.

(9) I: é ... você tem muitas outras prioridades ... do que uma janela agora né? E: é ... inclusive porque eu preciso fazer outras reformas na casa ... pra receber essa janela ... I: sim mas ... o entrevistado sou eu ... E: é verdade ... **vamos lá** ... a parte do mar tá acabado? I: é ... E: você vai mexer agora só no céu?

(Sequência injuntiva, inquirido do Corpus do grupo Discurso & Gramática )

A inferência de injunção se faz presente uma vez que orienta o leitor, por meio de comandos. Apesar de o verbo estar cristalizado no indicativo, a situação discursiva permite uma reinterpretação textual, levando a metaforização dos sentidos e, conseqüentemente, ao uso injuntivo de *vamos lá*. Contudo, tal injunção está atenuada pela inclusão do entrevistador representada na forma verbal *vamos*, por meio da 1ª. pessoa do plural. O entrevistador conduz o tópico, mas aguarda a companhia do entrevistado.

No próximo uso, *vamos lá* marca uma exortação, um encorajamento. O autor pretende levar o interlocutor a realizar determinada ação. A intenção é convencer por meio da persuasão, do conselho, incitando à prática do que é bom ou conveniente. Conforme observamos no exemplo abaixo:

(10) Uma charge na revista New Yorker de algum tempo atrás mostrava um cidadão da Roma antiga que, ao datar um documento, faz um gesto de desconsolo e se lamenta: “Esqueci de novo! Pus a.C. em vez de d.C.”. Explicar a graça de uma piada é a melhor forma de desmoralizá-la, mas, **vamos lá**, abramos uma exceção. O romano cometia o mesmo erro, hoje tão comum, de ao emitir um cheque, no começo do ano, repetirmos a data do ano que terminou.

(Sequência argumentativa, Revista Veja, acessado em 29/08/2009)

2 Estamos utilizando o conceito de tópico discursivo, segundo Koch (1992) cuja definição é “aquilo sobre o que se fala”.

Em (10), em uma sequência argumentativa, o articulista de *Veja* comenta acerca dos equívocos cometidos pelas pessoas em geral ao longo dos séculos. Em meio a seu comentário, numa estratégia persuasiva, utiliza *vamos lá* para convencer os leitores de sua interpretação. Nesse exemplo, tanto o verbo quanto o locativo encontram-se afastados de seu eixo categorial prototípico, em prol da formação de uma microconstrução que funciona, pragmaticamente, como um marcador discursivo, na veiculação e defesa da opinião expressa.

A microconstrução perde propriedades sintáticas do verbo, uma vez que não seleciona argumento e se cristaliza nessa estrutura morfossintática. Com relação ao sentido, *vamos lá* indica: i) desbotamento do sentido original que passa a ser altamente subjetivo, ii) fortalecimento da pragmática, representando a criatividade do falante no jogo discursivo, iii) mudança funcional relacionada a sequências tipológicas argumentativas em que há estratégia discursiva criativa e altamente elaborada.

Nos três últimos usos de *vamos lá* destacados, entendemos que o recrutamento da forma verbal *vamos* foi motivado pela nuance de sentido que persiste no novo uso (HOPPER, 1991) e pela especificidade contextual que propicia parceria, interesse comum e comunhão de ideias. A pressão de informatividade se estabelece no processo de metonimização, em razão das relações de contiguidade de sentido advindas das trocas interativas

No que diz respeito à abstratização de sentido, temos a acrescentar que em *vamos lá* a presença do verbo na 1ª. pessoa do plural parece demonstrar um exemplo mais acentuado da transição e complementaridade dos mecanismos de subjetivação e intersubjetivação. O verbo nessa pessoa do discurso demonstra uma integração maior entre falante e ouvinte, garantindo a intenção de compartilhamento de ideias e atitudes. Como tal processo é entendido pragmaticamente, o destinatário passa a ser focado na microconstrução de forma a demonstrar a atitude do falante em relação a ele. É na interação, no uso da língua, que inferências sugerem sentidos. E, se houver aceitação da comunidade linguística, determinados usos podem se consolidar.

Por sua vez, os locativos assumem papel periférico em relação ao verbo e passam a atuar à semelhança de uma forma dependente, nos termos de Câmara Jr (1976). Esses pronomes adverbiais são muito recrutados para fazer referência a domínios mais abstratos, atuando no plano textual e se constituindo “coringas” do jogo comunicativo. A nuance de sentido de imprecisão espacial favorece a projeção para um ponto distante. Nesses casos, para algo positivo que o autor tenciona ressaltar.

Os novos usos de (8), (9) e (10) comprovam que tais polissemias expandem os contextos sintáticos e semântico-pragmáticos bem como expandem a frequência *type*, conforme sugerido por Himmelmann (2004), em razão de: i) aumentarem o número de empregos de *vamos lá*, verificamos quatro usos distintos; ii) serem usados como marcadores discursivos, uma nova sintaxe; iii) desenvolverem novos usos vinculados a contextos opinativo-argumentativos.

Atestamos, com relação à imobilidade dos constituintes, que não podemos trocar as posições, inserir algum outro item ou ainda introduzir um elemento de negação sem que o sentido sofra alguma alteração. Assim, somente entendemos *vamos lá*, nesses contextos específicos, em um único sentido, ou seja, em uma leitura mais entrincheirada.

### Considerações finais

Na breve análise empreendida por este artigo, identificamos que motivações sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas específicas promovem usos polissêmicos que permitem a gramaticalização de *daqui vem* e *vamos lá*.

Ao identificar tais usos, verificamos a atuação de alguns dos princípios de Hopper (1991) e das expansões postuladas por Himmelmann (2004). Além disso, baseamo-nos nos níveis de esquematicidade de Traugott (2008) a fim de analisar a produtividade de uma abordagem interdisciplinar entre a Linguística Funcional e a Cognitiva.

Entendemos, ainda, que a produção e a circulação de variados tipos de texto, nas mais diferentes situações e ambientes sociais, promovem o surgimento e a utilização de microconstruções na medida em que há ganho pragmático-discursivo.

Os *corpora* mostraram que o estudo de uma microconstrução em uso deve frisar uma parte contextual-situativa, além de outros processos que interferem em suas funções.

Com relação à hipótese de as instanciações da construção LocV se situarem em um nível menos avançado de gramaticalização em comparação as de Vloc, verificamos que os usos gramaticalizados se especializam em contextos argumentativos e expositivos. As características subjetivas e criativas estão a serviço de textos mais elaborados de usos inovadores e tendem a ser os eleitos para a convencionalização das microconstruções.

Dessa forma, não observamos menor grau de gramaticalização a partir das ordenações e, sim, dos contextos específicos em que se inserem *daqui vem* e

*vamos lá*. Esse fato comprova o postulado de Traugott (2003) de que mudanças linguísticas por gramaticalização devem ser analisadas a partir de construções em contextos particulares.

A comprovação de que os esquemas construcionais LocV e Vloc cumprem um leque de funções que abarcam usos mais gramaticais e mais textuais demonstra a importância de se considerar também a pragmática como parte integrante da gramática de uma língua.

Consideramos, a partir dessa pesquisa inicial, que se abre favorável e relevante percurso para a pesquisa da gramaticalização de construções. Em uma próxima etapa, tencionamos observar os níveis de integração sintático-semântico das microconstruções através de um ponto de vista histórico.

## Referências Bibliográficas

- BATORÉO, Hanna. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BYBEE, Joan. "Mechanisms of Change in Grammaticization: The Role of Frequency." *The Handbook of Historical Linguistics*. Joseph, Brian D. and Richard D. Janda (eds). Blackwell Publishing, 2003.
- CAMARA, Jr, Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CROFT, William. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- HIMMELMANN, Nikolaus P. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In Bisang, Himmelmann & Wiemer (eds.), 19–40, 2004
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C., HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues*, Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth C. (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KOCH, Ingedore V. Organização tópica da conversação. In: *A interação pela linguagem*. 6a. ed. São Paulo, Contexto, 1992.
- MARTELOTTA, Mario, BARBOSA, Afrânio & LEITÃO, Márcio. *Ordenação de advérbios intensificadores e qualitativos em -mente, em cartas de jornais do século XIX: bases para uma análise diacrônica*. [Rio de Janeiro]: UFRJ, 2001 [Mimeo].

- OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Projeto de pesquisa, Propp UFF. *Pronomes locativos em construções nominais e verbais do português contemporâneo: ordenação, polissemia e gramaticalização*, 2010.
- RADDEN, Günter. How metonymic are methapors? IN: BARCELONA SANCHEZ, Antonio, editor. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads. A Cognitive perspective*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter. p. 93-108, 2000.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs & Richard B. DASHER. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUGOTT, E.C “Constructions in Grammaticalization.” *The Handbook of Historical Linguistics*. Joseph, Brian D. and Richard D. Janda (eds). Blackwell Publishing, 2003.
- \_\_\_\_\_. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R., JÄGER G., VEENSTRA, T. (eds.). *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 219-250, 2008.
- TROUSDALE, G. Constructions in grammaticalization and lexicalization: evidence from the history of a composite predicate construction in English. In *Constructional Approaches to English Grammar* [Topics in English Linguistics 57], G. Trousdale and N. Gisborne (eds), 33-67. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2008.